

Medo, Incômodo Permanente e Ressignificação Simbólico-Religiosa: a morte na visão das religiões judaica, cristã e islâmica

Fear, Permanent Annoyance and Symbolic-Religious
Resignification: death in the view of jewish, christian and
islamic religions

Marcello Liberato¹

Resumo: Desde os primórdios da humanidade, os seres humanos buscam, através de suas mais diversas expressões religiosas, lidar com as severas ansiedades para as quais muitas vezes a ciência não tem respostas ou, quando as tem, podem não ser satisfatórias. A morte é uma delas. Em algum momento da vida somos levados a vivenciar o luto pela perda de uma pessoa próxima e cara a nós. Trata-se, seguramente, de uma experiência de dor e angústia. O simples fato de sabermos que a nossa vida será, inevitavelmente, ceifada pela morte, já nos leva a sentir, no mínimo, um incômodo permanente. Seguindo essa linha, buscaremos identificar como a morte é vista nas três principais religiões ocidentais, e como sentimentos como Incômodo, Medo e Resignificação Simbólico-Religiosa nos afetam. Nesse sentido, este trabalho apresenta uma revisão bibliográfica que visa resumir os principais eventos e contextos que reforçam os mais diversos sentimentos quando se trata do conceito de morte. Como subsídio usaremos alguns autores (as), entre eles: Alves (2013), Bauman (2008), Beck (2019), Boff (2012), Descartes (2001), entre outros.

Palavras-chave: Morte. Medo Permanente, Linguagem Simbólica, Religiões Ocidentais.

Abstract: Since the dawn of humanity, human beings have sought, through their various religious expressions, to deal with the severe anxieties for which science often has no answers, or science's answers are often unsatisfactory. The death is one of them. At some point in life, we are led to

¹Recebido em: 27 de out. de 2022

Aceito em: 18 de out. de 2023

experience the death of a person close and dear to us. It is surely an experience of pain and anguish. The simple fact of knowing that our life will inevitably be cut short by death already leads us to feel, at the very least, a permanent discomfort. Following this line, we will seek to identify how death is seen in the three main western religions, and how feelings such as Discomfort, Fear and Symbolic-Religious Resignification affect us. In this sense, this paper presents a literature review that aims to summarize the main events and contexts that reinforce the most diverse feelings when it comes to the concept of death. As a subsidy we will use some authors, among them: Alves (2013), Bauman (2008), Beck (2019), Boff (2012), Descartes (2001), and others.

Keywords: Death, Permanent Fear, Symbolic Language, Western Religions.

Introdução

É sabido que os animais não humanos são destituídos da consciência de sua finitude pela ausência de racionalidade que lhe permita articular pensamentos alheios aos seus instintos. Desta forma, a morte nunca foi um tormento para eles, excetuando quando se encontram em perigo iminente de vida; neste caso, contudo, toda sua ação empreendida para fugir da morte é decorrente do seu instinto de sobrevivência.

Para nós, humanos, dotados de racionalidade, é diferente: a morte, por mais remota que seja sua iminência, é objeto de uma gama de sentimentos, como medo, curiosidade, pânico e tristeza, sendo inegável que a morte é geradora de um incômodo permanente na humanidade. A ciência, fruto do desenvolvimento da razão humana, apesar dos “milagres” realizados em todas as áreas que compõem a existência, mantém-se incapaz de impedir a ocorrência da morte, bem como de responder às indagações dela decorrentes, fruto do nosso desejo de perpetuação da vida e dessa realidade “nua e crua”: estamos todos nos dirigindo à condição inexorável de nos tornarmos meros cadáveres, e, por conseguinte, pó.

A pesquisa “Incômodo, Medo e Ressignificação Religiosa: a morte na visão das religiões judaica, cristã e islâmica” visa à construção de conhecimento de acordo com certas exigências metodológicas. Sendo assim, para se obter o resultado esperado será adotada a Pesquisa Bibliográfica, que de acordo com Leão (2017), “é desenvolvida a partir de material já elaborado em relação ao tema de estudo, construído desde publicações avulsas, boletins, jornais,

revistas, livros, artigos científicos, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc.”².

1. O medo da morte e seu incômodo permanente

Conforme bem destaca Beck “[...] de todas as coisas que movem o homem, uma das principais é o seu terror da morte”³. O renomado autor nos lembra que, “[...] depois de Darwin, o problema da morte como problema evolucionário ficou em destaque e muitos pensadores viram logo que se tratava de um grande problema psicológico para o homem”⁴. Beck inclusive nos revela que nós reconhecemos como uma conduta efetivamente heroica o comportamento humano que revela destemor à morte, retratado por todos nós como um genuíno ato de coragem; desafiar a morte consiste em desafiar sua própria extinção, sendo provavelmente considerado um ato heroico, corajoso, desde os nossos mais remotos ancestrais. O autor também nos escreve que a perspectiva da morte concentra, soberbamente, a mente do homem. A ideia da morte e o medo que ela produz perseguem o animal humano como qualquer outra coisa, e, portanto, este medo atua como “[...] uma das molas mestras da atividade humana, que se destina, preponderantemente, a evitar a sua fatalidade”⁵; na impossibilidade de vencer a morte, o homem se utiliza de inúmeros subterfúgios na tentativa de negá-la, a fim de amenizar, diminuir, escamotear sua ideia, sob pena de viver atormentado por este seu maior algoz.

O animal humano é caracterizado por dois grandes temores, dos quais os outros animais estão protegidos: o temor da vida e o temor da morte. O homem continuamente tenta se proteger do peso esmagador de seu mundo com seus inúmeros perigos. O homem se protege para não se perder nos devastadores apetites dos outros, para não cair nas “garras e presas dos homens, animais e máquinas”⁶. Conforme assevera o referido autor:

Como organismo animal, o homem sente em que tipo de planeta foi colocado – o apavorante, demoníaco frenesi no qual a natureza liberou bilhões de apetites de seres orgânicos individuais

² LEÃO, 2017, p. 113.

³ BECK, Ernest. *A negação da morte*. Rio de Janeiro: Record, 2019. p. 21.

⁴ BECK, 2019, p. 22.

⁵ BECK, 2019, p. 23.

⁶ BECK, 2019, p. 78.

de todos os tipos. Isso sem falar em terremotos, meteoros e furacões, que parecem ter seus próprios apetites infernais. Cada coisa, para que possa se expandir prazerosamente, está sempre engolindo outras. Os apetites podem ser inocentes, por se constituírem numa dádiva da natureza, mas qualquer ser vivo apanhado nas malhas dessa infinidade de interesses contrários que agitam este planeta é uma vítima em potencial dessa mesma inocência – e o ser vivo, assim, se esquia da vida com medo de perder a própria vida.⁷

O homem, contudo, não consiste apenas numa “gota cega de protoplasma errante”⁸, mas sim uma criatura com um nome e que vive em um mundo de símbolos e sonhos, para além da matéria, o que o distingue definitivamente dos outros animais. Desta forma, a ânsia natural do homem pela atividade de seu organismo, seu prazer em incorporar e se expandir podem ser alimentados ilimitadamente no terreno dos símbolos e, com isso, transcender sua natureza meramente animal, ingressando na esfera do intangível, da transcendência, buscando, assim, saciar seu desejo de imortalidade.

Não é difícil percebermos que toda a nossa sociedade ocidental desenvolve um esforço hercúleo para deixar encoberta a ideia de morte em nossas vidas; em nosso país, em particular, a própria velhice já sofre uma carga de preconceito considerável, pois é “engolida” pelo culto à beleza juvenil; isto se dá em todos os segmentos da sociedade. O velho, por ser um “outdoor” explícito da decrepitude e finitude humana, é permanentemente convidado a ocupar seu lugar de ostracismo, fora dos “holofotes” do glamour e exuberância demonstrados nas mídias sociais, onde aparecem jovens felizes sendo protagonistas de uma gama sem fim de propagandas de produtos de consumo, produtos estes que devem trazer também a ideia de algo duradouro, permanente, tão quanto os belos sorrisos dos jovens que lhes apresentam (com muito esforço, e amparados pela longevidade desta geração de idosos, estes estão mudando a mentalidade até então em voga, contrariando as críticas muitas vezes vindas do seu próprio seio familiar).

Arelado a isso, Fontes faz uma descrição do texto de Wendel, uma interessante narrativa⁹:

⁷ BECK, 2019, p. 78.

⁸ BECK, 2019, p. 21.

⁹ FONTES, Malu. O lugar da velhice na sociedade de consumo. *In: XXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – UnB*, 2006, Brasília. *Anais...* Brasília: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos

Um dos maiores obstáculos para se chegar a um consenso sobre a plena realidade da vida corporal é a ampla difusão do mito de que o corpo pode ser controlado. Contraditoriamente, as pessoas adotam o mito do controle corporal em parte porque ele promete a proteção contra a ameaça representada pelo corpo rejeitado. A essência do mito do controle é a crença no fato de que é possível, mediante a adoção de algumas práticas e ações, ter o corpo que desejamos e prevenir doenças, deficiências e a morte. O que o torna um mito é o fato de as pessoas se apegarem a ele mesmo quando há evidências inegáveis contra ele e quando a maioria de suas versões são formuladas de tal modo que se tornam indestrutíveis diante das evidências que o negam.¹⁰

O incômodo da morte é tão expressivo que, mesmo sendo de forma inconsciente, leva-nos a um gasto constante de energia psicológica e física na tarefa de preservar a vida. Conforme nos escreve Beck em sua obra citada, “O próprio termo ‘autopreservação’ dá a entender um esforço contra alguma força de desintegração; o aspecto afetivo disso é o temor, o temor da morte”¹¹. Obviamente, se todo esse temor se manifestasse em nossa consciência, de forma clara e constante, não teríamos condições de “funcionar” normalmente. O temor deve ser reprimido de forma adequada, para nos manter vivendo com, ao menos, um pouco de conforto. Como Becker bem ressalta, “[...] reprimir significa mais do que guardar e esquecer o que foi guardado e o lugar onde o guardamos. Significa também um esforço psicológico constante no sentido de manter a tampa fechada e, no íntimo, nunca relaxar nossa vigilância”¹².

2. A importância da linguagem simbólica

Nesse contexto, como menciona Mardones, “assistimos a uma mudança de clima que se posiciona diante da perda de dimensões da

Interdisciplinares da Comunicação, 2006. [online].

¹⁰ WENDELL, Suzan. *The rejected body: feminist philosophical reflections on disability*. London: Routledge, 1996. p. 206.

¹¹ BECK, 2019, p. 37.

¹² BECK, 2019, p. 37.

razão e da experiência em nossa denominada modernidade”¹³. Diante deste quadro, sentiu-se necessário encontrar elementos para se preencher as referidas “fissuras”, “lacunas”, deixadas pela modernidade, surgindo assim a necessidade de se suplantar a visão estritamente racional, o que somente foi possível pela utilização do elemento simbólico. Mardones, escrevendo a respeito, dá-nos o seguinte esclarecimento:

Trata-se de descobrir dimensões da razão e da vida humanas que vão além do presente, empiricamente visível ou constatável e logicamente formulável. Percebe-se a necessidade de levar em conta tais dimensões para dar razão à própria realidade e poder levar uma vida humana digna e sadia.¹⁴

Ele afirma que “Toda religião é um universo simbólico”¹⁵; isto, logicamente, é aplicável a todas as religiões, inclusive ao cristianismo. Sabemos que o elemento simbólico é, de certa forma, uma ameaça ao fundamentalismo cristão e de qualquer outra religião, em especial as chamadas “religiões do livro”, a saber, Judaísmo, Islamismo e o Cristianismo, as quais tratam a letra do texto sagrado como algo a ser seguido e interpretado exatamente conforme consta no texto, sem nenhum tipo de questionamento, crítica ou concepção simbólica – os fundamentalistas entendem, em regra, que aqueles que fazem qualquer tipo de questionamento ao texto sagrado são hereges, e, por conseguinte, perigosas à genuína fé. O autor entende que “estamos vivendo um momento no qual, entre outras recuperações, temos que revitalizar a dimensão simbólica no cristianismo, se este quiser responder aos desafios da sensibilidade atual e, sobretudo, ser fiel a si mesmo”¹⁶.

Ainda com embasamento da obra de Mardones, verificamos que vivemos uma situação paradoxal, qual seja, “quanto mais cresce o império da imagem em nossas sociedade e cultura, tanto mais define a presença do símbolo”¹⁷. O símbolo, segundo o autor, “vive da evocação e inspiração do ausente. Por esse motivo, não se dá bem com a pretensão de exibição da civilização da imagem”¹⁸. Somos uma

¹³ MARDONES, José María. *A vida do símbolo: A dimensão simbólica da religião*. São Paulo: Paulinas 2006, p. 09.

¹⁴ MARDONES, 2006, p. 09.

¹⁵ MARDONES, 2006, p. 11.

¹⁶ MARDONES, 2006, p. 11.

¹⁷ MARDONES, 2006, p. 17.

¹⁸ MARDONES, 2006, p. 17.

civilização presidida pelo anseio de ver conceitualmente, e quanto mais e mais claro, melhor. Daí a autoridade da imagem, que vale mais do que mil palavras, ou o valor que se concede ao testemunho do ver.

Ele continua: “Assim, chegamos à atual apoteose da imagem. Queremos dizer, contar, expressar tudo em imagens; a ponto de o que não existe em imagens não existe na realidade”¹⁹. O autor vai mais além: “O predomínio da cultura da imagem nos roubou a interioridade. O anseio de vê-la toda levou ao desejo de mostrá-la toda, inclusive o interior do sujeito. Quisemos trazer à luz a introspecção, e está se convertido em exibicionismo”²⁰. Triste constatação.

Não é difícil percebermos, em nosso cotidiano, a tirania imposta pela cultura da imagem na atualidade. Trata-se de uma verdadeira força avassaladora. Com a explosão das mídias sociais, as pessoas que se encontram de fora desta rede virtual se sentem invisíveis sociais, à margem da tecnologia, prejudicando, inclusive, sua vida profissional. A rede virtual/ social é uma realidade que, tudo indica, não retroagirá; muito pelo contrário: tornar-se-á, provavelmente, cada vez mais abrangente e indispensável para a vida em sociedade. A força da linguagem imagética chegou a proporções impensáveis, ao ponto de ser utilizada para “despertar sentidos e apresentar e/ou representar realidades como recursos de persuasão dirigidos aos visitantes dos sites”²¹.

Servindo para nós como uma advertência, o autor salienta: “A imagem que procura expressar tudo e não permite a distância do inefável incorre na materialização de todos os desejos”. E continua: “Uma espécie de hiper-realização que termina na alienação. O sujeito, a pessoa, está toda aí, plena, clara e virtualmente, mas não verdadeiramente”²². Em seguida compartilha a seguinte indagação: “Não está claro se, por trás da avalanche de imagens icônicas, cinematográficas e televisivas, de vídeo e internet, teremos capacidade imaginativa maior ou se nossa imaginação ficará anestesiada”²³. E completa:

¹⁹ MARDONES, 2006, p. 19.

²⁰ MARDONES, 2006, p. 20.

²¹ ZUTIM, Sueli. *Notícia virtual: um olhar sobre a linguagem imagética*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Instituto de Biociências de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, 2009. [online].

²² MARDONES, 2006, p. 21.

²³ MARDONES, 2006, p. 24.

Há indícios que sugerem que o crescente aumento dos espectadores ou consumidores passivos nos pode levar a uma sociedade de teleservos [...] indivíduos dependentes das mensagens que os ‘senhores do ar’ nos enviam, consumidores de mensagens, notícias, variedades, produtos manufaturados por alguém que converterá o espectador em massa.²⁴

Para Mardones “o ser humano tem a experiência de uma ferida profunda: sente o rompimento do desajuste com o que está ao seu redor. É um ser constitutivamente desajustado, não se encaixa, como os animais, em seu meio”.²⁵

O século XX produziu duas guerras mundiais que geraram mais de cem milhões de mortos, sendo palco de um “laboratório” de extermínio em massa de seres humanos, de forma burocraticamente organizada e de modo industrial. Com perspicácia, Mardones delibera a respeito dessa questão, lançando ao final uma indagação: “Esse amontoado de cadáveres e de sofrimento clama ao céu e questiona a existência de um sentido. Será o sem-sentido a última palavra da existência humana?”²⁶

Não precisamos ser tão esclarecidos para constatarmos que, numa sociedade demasiadamente capitalista, o sentido não é por nós escolhido, mas imposto.²⁷ Podemos sintetizar esta assertiva da seguinte forma: vivo para consumir; consumo para viver. Acontece que esta “roda viva” não demora a dar sinais de estafa física, emocional e psicológica, a médio e longo prazo, levando o “símbolo” que nos foi imposto ao esgotamento pessoal.

Daí, esgotados física e emocionalmente, agora ainda mais conscientes de que as coisas que podemos apalpar representam muito pouco para o anseio que brota do mais profundo do nosso ser, busca-se algo que ainda não sabemos o que é, como se estivéssemos “tateando no escuro”.

Conforme nos descreve Mardones:

A vida humana é esforço ingente para criar sentido e viver a realidade com sentido. O empreendimento social, em todas as variadas

²⁴ MARDONES, 2006, p. 24.

²⁵ MARDONES, 2006, p. 69-70.

²⁶ MARDONES, 2006, p. 71.

²⁷ BAUMAN, Zygmunt. *Vida para o consumo: A transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

formas de construção da realidade, é uma aventura maravilhosa e engenhosa para não se entregar nas mãos do caos, da ruptura e das trevas do espanto. Toda a *cultura* nada mais é do que o resultado desses esforços de criação e também o próprio impulso criativo. No fundo, por trás da arte, da religião, da ciência e de qualquer manifestação humana, podemos ver o mesmo esforço para esconjurar os demônios da monstruosidade grudados em nossas costas.²⁸

E continua Mardones, fazendo agora uma indagação: “Como realizar façanha tão grande? Com quais meios o ser humano conta para suturar, ou melhor, para tentar estancar tamanha cisão?”²⁹. Ele então arremata:

Temos que responder drasticamente [...] com uma só palavra: O símbolo. As construções ou formas simbólicas, numa palavra, a cultura, são os instrumentos que o ser humano possui e dos quais se dota para dar sentido e para suturar a ferida aberta na existência e em todas as suas realizações.³⁰

O problema, conforme falamos *en passant* anteriormente, é quando o sentido nos é imposto e nos “escraviza”, nos domina, o que nos remete a outra questão tão bem trabalhada, cujo próprio título da obra sintetiza o tema: “A tirania do sentido: Uma introdução a Nietzsche”³¹. A referida obra se inicia com uma questão que, implicitamente, remete-nos à filosofia de Schopenhauer, o qual, ao indagar “qual o sentido da vida?”³², já trazia a própria resposta: “não há um sentido prévio para o mundo; a existência é absurda”³³.

Acontece que diante de toda a perplexidade derivada do próprio “absurdo da existência da vida” e sua inexorável morte, não conseguimos, por muito tempo, abafar ou distrair esse clamor, essa necessidade de sentido que urge, grita, clama de dentro de nós. Daí, diante da constatação da falta de sentido, do esgotamento dos “sentidos” que nos foram impostos (consumidor/mercadoria), resta-

²⁸ MARDONES, 2006, p. 71.

²⁹ MARDONES, 2006, p. 71.

³⁰ MARDONES, 2006, p. 71- 72.

³¹ BILATE, Danilo. *A tirania do sentido: Uma introdução a Nietzsche*. Rio de Janeiro: Mauad, 2011.

³² BILATE, 2011, p. 05.

³³ BILATE, 2011, p. 06.

nos apenas, ainda que “tateando no escuro”, procurar refúgio na “linguagem simbólica”, e esta é encontrada eminentemente nas religiões.

3. A ressignificação da morte pelas três religiões ocidentais

Conforme vimos, uma das questões mais preocupantes e tormentosas para o homem é a morte. Observa-se em todas as culturas a busca dos seres humanos, por meio da religião, de respostas para as suas indagações acerca da morte. Teixeira, em sua exitosa dissertação³⁴, ensina-nos que a religião é um excelente espaço para que a morte tenha voz e cada tradição religiosa transmite isso de uma forma distinta, diferente, mesmo assim é evidenciada em cada uma delas a interpretação da morte como um rito de passagem, e não o fim permanente da existência.

De acordo com Roman Krznaric:

A religião continua a ser o modo mais comum de fazer face ao terror da morte a esse terror. A crença na vida após a morte e na imortalidade da alma ajuda muitos a superar o medo de que tudo chegue a um fim abrupto depois que exalarem o último suspiro. Tanto o cristianismo quanto o judaísmo e o islã desenvolveram visões sedutoras da existência eterna num paraíso celeste como recompensa para o devoto.³⁵

Em nossa cultura ocidental temos três grandes religiões, a saber, o Judaísmo, o Islã e o Cristianismo, tendo cada uma delas representações sobre a morte que a ressignificam, suplantando-a. Sobre essas três religiões, como bem observou a mestrande Ana Carolina em sua dissertação³⁶, os autores Gaarder, Hellern e Notaker pontuam que têm como características comuns a adoração a um único Deus, a quem é atribuída a criação de todas as coisas, sendo

³⁴ TEIXEIRA, P. F. Diante da morte: representações sociais da morte em enfermeiros. Dissertação (Mestrado em Comunicação em Saúde). Universidade Aberta, Lisboa, 2006. [online].

³⁵ KRZARNIC, Roman. *Carpe diem*: resgatando a arte de aproveitar a vida. Rio de Janeiro: Zahar, 2018, p. 32.

³⁶ ALVES, Ana Carolina Diniz. *Crenças ocidentais e orientais, sentido de vida e visões de morte*: um estudo correlacional. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões). Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, Universidade Federal da Paraíba, 2013.

considerado um ser todo poderoso.³⁷ Essas crenças consideram o ser humano um ser pecador, carecedor de salvação, a qual somente pode ser conferida por esse Deus criador. O ser humano, em comunhão com esse Deus, tem o potencial de tornar-se um instrumento de ação dessa divindade.³⁸ Vamos a cada uma delas.

Judaísmo

O judaísmo, que é a menor das grandes religiões, possui uma grande preponderância na formação da nossa cultura, quiçá mundial. O judaísmo não considera a morte uma ocorrência trágica, independente da forma e do tempo em que ocorra na vida, pois se trata de um processo natural a que todos os seres vivos estão sujeitos. Os justos sofrem e também são alcançados pela desgraça, como bem relata o livro de Jó (Jó 3, 4, 7, 9) sendo alcançados, também o justo sofre, ou seja, é ameaçado pela maldição e desgraça, cujo questionamento se apresenta intenso em relato constante no Livro de Jó (Jó 3, 4, 7, 9). A morte, portanto, é capaz de se fazer presente sem dó e sem piedade, e ainda com a marca da brutalidade. Tudo isto, contudo, estaria dentro dos planos e sabedoria de Deus no livro da Torá:

A Tora é, segundo os judeus, a Revelação Eterna, dada por Deus a Moisés no Monte Sinai e no Tabernáculo. É importante lembrar que, como dissemos antes, a relação que cada movimento do judaísmo tem com a Tora difere, principalmente no que diz respeito à sua normatividade prática e cotidiana. Destaca-se também o fato de que o termo pode ser empregado de diversas maneiras dentro (e fora) do judaísmo.³⁹

Os judeus creem na vida após a morte para aqueles que viveram de forma digna e virtuosa. Para os judeus

O momento da morte significa o desenlace. É o momento em que se separam, mais uma vez, a alma do corpo. Assim como descreve o Rei Salomão no Livro dos Eclesiastes “*veharuach*

³⁷ GAARDER, J; HELLERN, V.; NOTAKER, H. *O livro das religiões*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2005, p. 105.

³⁸ GAARDER; HELLERN; NOTAKER, 2005, p. 105.

³⁹ PRATES, A. E. ; PIMENTEL, C. S.; BETARELLO, J. ; BOULHOSA, T. M. *Cosmovisão das religiões: judaísmo e cristianismo*. Montes Claros: Unimontes, 2014, p. 20.

tashuv el HaElokim asher netana” – “o espírito volta para D’us que o deus”. No entanto, por sua vez, o corpo se desintegra, decompõe-se, com exceção para o caso de ser o corpo de um *Tsadik*. Neste caso, isto não acontece; a alma permanece eterna e volta ao seu Criador.⁴⁰

Ana Carolina destaca, citando Glasman: “Os judeus confiam que, embora estejam deixando a vida por uma porta, a ela voltarão por outra no dia da ressurreição, com a ideia de que a alma que partia voaria em direção ao céu e aninhar-se-ia em paz no seio de Deus⁴¹ - “e o pó volte à terra como o era, e o espírito volte a Deus que o deus” (Eclesiastes 12:7).

Cristianismo

Para o cristianismo “Jesus morreu e ressuscitou dos mortos, anunciando o destino da humanidade. Neste aspecto, ressuscitar significa voltar a viver, porém, não neste mundo, mas em outro habitado por Deus”.⁴² Jesus, filho de Deus, morreu na cruz para salvar a humanidade do pecado e, por conseguinte, da morte eterna. Através da fé em Jesus como salvador, a morte não mais representará para o crente o fim da existência, o aniquilamento do ser, passando a ser encarada como uma passagem para a ressurreição - com a morte a vida não é tirada, mas transformada⁴³. Acreditam os cristãos que após a morte a alma sai do corpo, indo para o céu, paraíso celestial, onde se encontram aqueles que compartilhavam da mesma fé e morreram⁴⁴.

Para aqueles que creram na salvação de Deus, mediante fé em Jesus Cristo, o paraíso, a salvação. Para aqueles que não creram, o inferno, a perdição eterna. A bondade humana é muito importante, mas não é suficiente; a salvação se dá pela fé em Jesus, e não por justiça própria. Para os católicos, a principal ramificação cristã, a morte não é o fim, e sim o recomeço da glória. Acreditam que pela fé cristã estarão no reino dos céus ao lado de Deus. Conforme declarou

⁴⁰ WEITMAN, Rabino Y. David. *Qual o significado da morte no judaísmo?* [online].

⁴¹ ALVES, 2013, p. 25.

⁴² BIACA, Valmir et al. O sagrado no ensino religioso. SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. Curitiba – Paraná, 2006, p. 107.

⁴³ HOFFMANN, P. Morte. *Dicionário de Teologia*. Conceitos Fundamentais da Teologia atual. Vol. 3. São Paulo; Loyola, 1987, p. 363-374.

⁴⁴ ALVES, 2013, p. 27.

Dom Leonardo Steiner, bispo da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNB)

A morte para os católicos significa caminhar ao encontro da eternidade. Para quem pratica a religião, a vida não é tirada, mas transformada. O homem de fé anseia por essa eternidade. Após a morte, o homem não é mais submetido ao tempo e ao espaço. Dentro desse mistério, o céu e o inferno não são lugares geográficos, mas “estados”. O céu é a participação plena de Deus, enquanto o inferno é o distanciamento. É como se o inferno significasse não participar mais do amor de Deus. Até gostaríamos de ser amados, mas agora não há mais essa possibilidade. Mas, a chegada da morte para um ente querido é difícil, e a separação nem sempre é tranquila, mas o padre lembra que é necessário acolher a finitude da vida.⁴⁵

Na confissão de fé Westminster⁴⁶, capítulo XXXII, denominado “Do estado dos homens depois da morte e da ressurreição da morte”, seção I, lemos:

Os corpos dos homens, depois da morte, convertem-se em pó e vêm a corrupção; mas as suas almas (que nem morrem nem dormem), tendo uma substância imortal, voltam imediatamente para Deus que as deu. As almas dos justos, sendo então aperfeiçoadas na santidade, são recebidas no mais alto dos céus onde vêm a face de Deus em luz e glória, esperando a plena redenção dos seus corpos; e as almas dos ímpios são lançadas no inferno, onde ficarão, em tormentos e em trevas espessas, reservadas para o juízo do grande dia final. Além destes dois lugares destinados às almas separadas de seus respectivos corpos as Escrituras não reconhecem nenhum” outro lugar.⁴⁷

⁴⁵ FORTUNA, Deborah; LEITE, Hellen. O que é a morte sob o ponto de vista das diferentes crenças e religiões? *Correio Braziliense*, Brasília, 02 nov.2018. [online].

⁴⁶ A Confissão de Westminster foi produzida pela Assembleia de Westminster, convocada pelo Parlamento inglês em 1643, durante a Guerra Civil Inglesa. A Assembleia de Westminster (1643-1649) constituiu o ponto culminante da elaboração confessional reformada de língua inglesa.

⁴⁷ WESTMINSTER, Confissão de fé. Comentada por A.A. Hodge.. São Paulo: Os Puritanos, 1999.

Islã

A segunda maior religião do mundo (e a que mais cresce atualmente), o Islã, mais conhecido como Islamismo, é também uma religião monoteísta, com fortes influências advindas do Judaísmo e do Cristianismo, sendo datada do início do século VII. Seus fiéis são conhecidos como muçulmanos, os quais acreditam que todos nascem puros e inocentes, com uma beleza inata e a capacidade de progredir e adquirir conhecimento. No entanto, conforme nos ensina Ziauddin Sardar, ao mencionar sobre o livre-arbítrio do qual dispomos:

Ao mesmo tempo em que temos uma tendência natural para o bem, somos livres e capazes de crueldade e injustiça. Sendo assim, quem professa a fé islâmica será responsabilizado por todos os seus pensamentos e ações no Dia do Juízo, quando o mundo será enrolado como um pergaminho e todos serão julgados por Deus.⁴⁸

Para o Islã, o homem deve se entregar a Deus, conhecido como Alá, e se submeter a Sua vontade em todas as áreas da vida, sem exceção. O Islã, como religião, não abrange somente a dimensão espiritual, alcançando todos os aspectos da vida humana e social – nada fica dissociado, compartimentado, na religião islâmica. A interpretação da lei, o direito, sempre ocupou um lugar relevante na história do islã. Na maioria dos países islâmicos, os que têm conhecimentos jurídicos costumam atuar como líderes religiosos – não existe um sacerdócio organizado.⁴⁹

De acordo com o Islã, Alá criou a vida para além da morte, vida esta que existirá em dois locais distintos, a saber, o paraíso – recompensa dos crentes e seguidores da doutrina islâmica; e o inferno – castigo dos pecadores que duvidam da essência do Islamismo e seus preceitos fundamentais.

Com a morte do ser humano ocorrerá o início do juízo final, dia em que os mortos ressuscitarão fisicamente e serão julgados pelas ações praticadas durante a sua vida terrena. Para os muçulmanos existe uma relação direta entre o comportamento do indivíduo na terra e a vida após a morte. A vida após a morte será de recompensas e repreensões correspondentes à conduta terrena. Para eles, crer na vida após a morte os obriga a fazerem o certo e ficarem longe do pecado. Os muçulmanos creem que vivendo conforme os ensinamentos divinos não há motivos para temerem a morte.

⁴⁸ MELLO, Raphaela de C. O que as religiões explicam sobre a morte. *Revista Exame*, 11 mar.2013. [online].

⁴⁹ GAARDER; HELLERN; NOTAKER, 2005, p. 138.

A morte, portanto, é vista como um momento de passagem para outra etapa; no Juízo Final acontecerá a ressurreição, todas as almas retomarão corpos jovens e sem defeitos, sendo entendida como um acontecimento natural⁵⁰.

Considerações Finais

O medo da morte nos acompanha, não havendo nada que a ciência possa fazer além de retardá-la um pouco mais. Sua inevitabilidade é suprema, absoluta e assustadora. Em nossa cultura ocidental, em vez de ser corajosamente encarada a inevitabilidade da nossa morte, para que aprendamos a lidar com nosso inevitável fim, somos “bombardeados” por uma pujante cultura do entretenimento, que turva nossos olhos e mentes, para não pensarmos neste permanente incômodo – estamos todos destinados a virar cadáveres e pó.

A vida e a morte são uma, não separadas. Tudo, a cada momento, nasce e morre, por isso não há nascimento a desejar, nem morte a recusar. Dentro da vasta estrutura do universo, os seres estão em movimento, cada um carregando uma personalidade precível.

Diante deste cenário, as religiões ocidentais se empenham em dar respostas a estas inquietudes do ser: Judaísmo, Cristianismo e Islã, com suas respectivas linguagens simbólicas/metafóricas, inerentes às religiões, promovem a resignificação da morte, apresentando-a não como um fim, mas como um meio, uma passagem para uma outra forma de vida.

Referências

- ALVES, Ana Carolina Diniz. Crenças ocidentais e orientais, sentido de vida e visões de morte: um estudo correlacional. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões). Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, Universidade Federal da Paraíba, 2013.
- BAUMAN, Zygmunt. Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Ed Zahar, 2008.
- BECK, Ernest. A negação da morte. 11^a ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.
- BIACA, Valmir et al. O sagrado no ensino religioso. SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. Curitiba – Paraná, 2006.
- BILATE, Danilo. A tirania do sentido: uma introdução a Nietzsche. Rio de Janeiro: Mauad, 2011.

⁵⁰ ALVES, 2013, p. 29

BOULHOSA, Tatiana. Machado. *Cosmovisão das religiões: Judaísmo e Cristianismo*. Ed. Unimontes, 2014, Montes Claros – MG.

FONTES, Malu. O lugar da velhice na sociedade de consumo. In: XXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – UnB, 2006, Brasília. Anais... Brasília: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2006. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/163257614735967566783786935922125953907.pdf>. Acesso em: 12/06/2020.

FORTUNA, Deborah; LEITE, Hellen. O que é a morte sob o ponto de vista das diferentes crenças e religiões? *Correio Braziliense*, Brasília, 02 nov.2018. [online] Disponível em: < <https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/brasil/2018/11/02/interna-brasil,717180/amp.shtml> >. Acesso em: 12/06/2020.

GAARDER, J HELLELN, V., NOTAKER, H. e. *O livro das religiões*. São Paulo: Cia. das

HOFFMANN, P. Morte. *Dicionário de Teologia. Conceitos Fundamentais da Teologia atual*. Vol. 3. São Paulo; Loyola, 1987, p. 363-374.

JACOBUCCI, Nazaré. O significado da morte e o processo de luto para os católicos. Disponível em: <https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/o-significado-da-morte-e-o-processo-de-luto-para-os-catolicos/>. Acesso em: 12/06/2020.

KANT, Emanuel. *Crítica da razão prática*. Lisboa: Lisboa edições, 1989.

KRZYNARIC, Roman. *Carpe diem: resgatando a arte de aproveitar a vida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

LEÃO, Lourdes Meireles. *Metodologia de Estudo e Pesquisa: facilitando a vida dos estudantes, professores e pesquisadores*. 1ª Impressão, Editora Vozes, Petrópolis – RJ, 2017. Letras, 2005.

MARDONES, José María. *A vida do símbolo: a dimensão simbólica da religião*. 1ª ed. São Paulo: Paulinas, 2006.

MELLO, Raphaela de C. O que as religiões explicam sobre a morte. *Revista Exame*, 11 mar.2013. [online].<https://exame.com/casual/o-que-as-religoes-explicam-sobre-a-morte/>

MIRANDA, Sheyla. Como as grandes religiões encaram o momento da morte?. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-as-grandes-religoes-encaram-o-momento-da-morte/>. Acesso em 15/04/2022.

PRATES, A. E. ; PIMENTEL, C. S. ; BETARELLO, J. ; BOULHOSA, T. M. *Cosmovisão das religiões: judaísmo e cristianismo*. Montes Claros: Unimontes, 2014.

TEIXEIRA, P. F. *Diante da morte: representações sociais da morte em enfermeiros*. Dissertação (Mestrado em Comunicação em Saúde). Universidade Aberta, Lisboa, 2006. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/708/1/LC233.pdf> Acesso: 20/02/2022.

WEITMAN, Rabino Y. David. *Qual o significado da morte no judaísmo?* Disponível em: <https://legalsaber.com.br/qual-e-o-significado-da-morte-no-judaismo/>. Acesso: 19/04/2022.

WENDELL, Suzan. *The rejected body: feminist philosophical reflections on disability*. London: Routledge, 1996.

WESTMINSTER, *Confissão de fé*. Comentada por A.A. Hodge. 2ª edição. Editora: Os Puritanos, São Paulo, 1999.

ZUTIM, Sueli. *Notícia virtual: um olhar sobre a linguagem imagética*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Instituto de Biociências de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, 2009. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/90154>. Acesso: 20/02/2022.